Entrevista com o sociólogo, professor, pesquisador Fernando Correia Dias

Por Juliana Cristina de Carvalho¹

Durante a minha graduação fui bolsista de iniciação científica da Prof^a. Dr^a. Constância Lima Duarte e realizava pesquisas no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (localizado na Biblioteca Central do campus da universidade, na Pampulha). Foi neste período que, ao ser encarregada de organizar, ler e registrar os fundos de um escritor chamado Achilles Vivacqua (1900-1942), que foram doados por familiares à instituição mencionada, em 2006, comecei a descobrir um possível objeto de pesquisa acadêmica. Devido ao contato tão próximo, de certa ordem até íntimo, e longo com o mundo do escritor, interessei-me em conhecê-lo melhor e, também, a sua literatura.

Assim, anos depois, já cursando o meu mestrado, assumi o escritor e a sua carreira literária como os meus objetos de investigação. Durante os meus estudos, deparei-me com o nome de Fernando Correia Dias, que já havia escrito alguns textos sobre o autor tema da minha pesquisa. Nesse tempo, conversando com o secretário do já citado Acervo de Escritores Mineiros, no qual eu ainda atuava como bolsista, agora de Apoio Técnico da Prof^a. Dr^a. Eneida Maria de Souza, e, além dessa posição, como pesquisadora do mestrado, descobri que Fernando Correia Dias² era um ex-professor da UFMG e que havia visitado o Acervo algumas vezes. Interessada em conhecê-lo e conversar sobre o meu escritor – para enriquecer mais o meu trabalho – pedi ao secretário que me fornecesse os contatos de Fernando. Porém, o que ele possuía era o endereço eletrônico da filha dele, Regina Álvares. Estabeleci contato com ela que, muito atenciosa, me informou que seu pai compareceria ao evento que seria realizado para inaugurar o espaço criado para abrigar os novos fundos de escritores mineiros, recebidos pelo Acervo de Escritores Mineiros, dentre eles, claro, o de Achilles Vivacqua. No evento,

---

¹ Mestre em Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG; doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas. A presente entrevista foi realizada no dia 12 de fevereiro de 2012, na ocasião da elaboração da minha dissertação de mestrado, por meio eletrônico.

² Há, sobre o professor Correia Dias e sua obra, belo artigo de opinião da professora Mariza Veloso (UnB), intitulado “Fernando Correia Dias, lições de silêncio e sabedoria”, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000300009. (Nota da editora).

também seriam entregues os respectivos inventários aos representantes de cada fundo dos escritores e formalizado o termo de doação dos acervos. Conforme esperado, tive a oportunidade de conhecer Fernando Correia Dias e de trocar ideias sobre o tema do meu trabalho. Durante esse momento, o pesquisador, cordialmente, concordou em me ceder uma entrevista.

As perguntas elaboradas para a entrevista eram sobre, basicamente, o movimento modernista realizado na cidade de Belo Horizonte, na qual Achilles Vivacqua construiu, de maneira mais concreta, a sua vida literária, e, também, sobre o escritor e o seu projeto literário. Na ocasião, acreditávamos que ela iria contribuir muito para a dissertação que estava sendo elaborada. O que, como esperado, aconteceu.

Devido ao fato de o entrevistado não morar em Belo Horizonte na época e da dificuldade de nos encontrarmos, ficou estabelecido que essa conversa seria realizada via e-mail. Assim, por intermédio da filha de Fernando Correia Dias, Regina, a quem foi enviado o e-mail, posteriormente, entregue ao seu pai, no dia 12 de fevereiro de 2012, foi realizada a entrevista.

Antes de reproduzir a entrevista na íntegra, faz-se necessária uma apresentação acerca dos nomes que aqui mencionamos.

Começando pela figura entrevistada, Fernando Correia Dias (1926-2012), mineiro, foi um sociólogo, ex-professor da UFMG e da UNB, estudioso e pesquisador pioneiro da sociologia da cultura. Alguns dos títulos que publicou foram: **João Alphonsus: tempo e modo** (Centro de Estudos Mineiros/UFMG, 1965), **O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação sociológica** (Editora Universidade de Brasília, 1971) e **Líricos & Profetas** (Thesaurus Ed., 1984). Por sua vez, Achilles Vivacqua (1900-1942) nasceu no Espírito Santo, mas, devido à tuberculose que contraiu aos 20 anos, mudou-se para Belo Horizonte, que era considerada ideal para o tratamento da doença, por causa do seu ar, tido na época como puro. Era capixaba de nascimento, porém, conforme dizia, mineiro de coração. Grande apreço demonstrava e declarava pela cidade mineira. Publicou apenas um livro em vida, por edição própria, de poesia, em 1928, chamado **Serenidade**. As suas outras produções foram publicadas esparsamente por jornais e revistas de sua época.

O **Suplemento Literário de Minas Gerais** de n. 64, de outubro de 2000, foi dedicado à memória de Achilles Vivacqua. Dele, fizeram parte Leonardo Costa Braga, com o texto “Achilles Vivacqua – cem anos”, e o nosso entrevistado, Fernando Correia Dias, com o texto “Relembrando Achilles Vivacqua”. Nele, ao se referir ao escritor, o pesquisador faz as seguintes considerações: “ [...] alguém que se integrou por completo na cidade de Belo

Horizonte para transfigurá-la em linguagem poética impregnada de afeição” (DIAS, 2000, p.16). E, conjecturando sobre a escrita do autor, ainda em seu texto, assegura: “Era inegavelmente versátil. Escreveu contos, outros textos em prosa, crônicas de modas (sob pseudônimo), resenhas e notas bibliográficas” (DIAS, 2000, p. 19).

Finalizadas as devidas apresentações, segue na íntegra a entrevista em questão.

Carvalho: Como o senhor definiria, em algumas palavras, o movimento modernista em Minas Gerais?

Dias: É o resultado da convergência que se verificou, na década de 20, em Belo Horizonte, de jovens intelectuais que vieram do interior do estado. Mantinham entre si várias afinidades. Conviviam em instituições da Rua da Bahia (Livraria Alves, Café Estrela, etc.).

Carvalho: Quais características atribuiria a esse movimento?

Dias: A principal é a sede de renovação, ante a estagnação das letras mineiras da época. Trata-se de atitude antipassadista. Era um grupo harmonioso, unido por fortes laços afetivos.

Carvalho: Como o senhor classificaria, de uma maneira geral, os escritores modernistas mineiros?

Dias: Eram abertos às novidades estéticas; tomaram conhecimento das vanguardas europeias que lhes foram contemporâneas. Havia poetas (Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Abgar Renault, entre outros), prosadores (o principal, João Alphonsus), críticos literários e de arte (Martins de Almeida e Pedro Nava).

Carvalho: O senhor chegou a conhecer, pessoalmente, o escritor Achilles Vivacqua? Se sim, como o definiria?

Dias: Não o conheci pessoalmente. Ele morreu em 1942, e eu cheguei a Belo Horizonte, vindo de Três Pontas, em 1943.

Carvalho: O senhor Já teve contato com o projeto estético-literário do escritor Achilles Vivacqua? Se possível, fale um pouco sobre suas impressões dele e de seus escritos.

Dias: Já tive contato, sim. Conheço grande parte da produção de Achilles: praticamente toda a poesia publicada. Acontece que ele é muito versátil: escreveu ficção, crônicas, resenhas e

crítica de moda. Não tive acesso a todos os escritos. Como poeta, cultivava simultaneamente o primitivismo e a literatura amena de cunho urbano.

Carvalho: Quais características o senhor atribui à poesia e a outros escritos produzidos em Minas, nas décadas de 20 e 30?

Dias: Na poesia, do ponto de vista formal, predomina o verso-livre. Na prosa, sob o mesmo aspecto, predomina o coloquialismo numa literatura sem muito ornamento. Sobre o conteúdo, em Minas não houve regionalismo. **Vida ociosa**, de Godofredo Rangel, não é regionalista à moda paulista ou gaúcha. O romance urbano predomina na década de 30, podendo ser citados os de João Alphonsus, Cyro dos Anjos e até mesmo alguns títulos de Eduardo Frieiro. Registre-se o aparecimento dos primeiros livros de Lúcio Cardoso, numa vertente psicologizante.

Carvalho: O que era ser “mineiro” em Belo Horizonte, na década de 20?

Dias: A mineiridade é expressão da subcultura regional e incide através do tempo. Quanto aos escritores, ser mineiro inclui a atitude de cultivar a tradição. Os modernistas cultivavam a lembrança do século XVIII e não foi por outra razão que promoveram uma releitura do barroco, valorizando-o.

Carvalho: Em que consistia, na sua opinião, a cidade de Belo Horizonte, na década de 20?

Dias: A capital mineira sofreu muitas modificações ao longo do século. Drummond recusou algumas dessas mudanças num poema em que diz adeus à cidade. Para falar apenas sobre a década de 20, é inegável que se tratava de uma cidade moderna, se se pensa nas suas origens e a comparamos com as cidades do interior, berços dos modernistas. Isso não impedia que fosse também uma cidade provinciana quanto aos costumes, o que causava tédio nos jovens intelectuais.

Carvalho: O senhor consegue ver semelhanças entre o Modernismo de São Paulo, a Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo produzido em Minas? Quais seriam elas?

Dias: Há semelhanças. Em todos eles o anseio de renovação no mundo das letras. Em todos eles, o aparecimento de revistas representativas. Mais tarde um pouco (1924), o interesse pela

redescoberta do Brasil, o que se efetivou com a vinda a Minas da caravana paulista, em visita às cidades históricas.

Carvalho: Qual era a concepção de literatura vigente em Belo Horizonte e na literatura mineira na década de 20?

Dias: A literatura era concebida como sinal de civilização. Isso entre os letrados, que a colocavam como uma das manifestações do espírito. Numa região em que o hábito da leitura não era difundido, o acesso à literatura torna-se privilégio de poucos. Em Minas, porém, há uma certa curiosidade: a relativa popularidade de **A escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães e de **Marília**, de Tomás Antônio Gonzaga.

P.S. 1: Faltou uma referência ao **Diário de Minas**. Jornal modesto, era órgão oficial do Partido Republicano Mineiro e, como tal, conservador em matéria política. Contraditoriamente era inovador em assunto literário. Era simplesmente o reduto do Modernismo em Minas. Ali trabalhavam, entre outros, Carlos Drummond de Andrade (que chegou a redator-chefe), João Alphonsus, Emílio Moura e Cyro dos Anjos. Tinham plena liberdade para expor o ideário modernista.

P.S. 2: Para uma visão mais explícita do ideário do movimento modernista em Minas, ver o meu ensaio “Gênese e expressão grupal do Modernismo”, incluído no livro **Modernismo**, organizado por Affonso Ávila. Editora Perspectiva, 1974.